

*Renata de Melo Rosa* Muito mais do que uma denominação geográfica, os Bálcãs representam um conjunto de combinações políticas, culturais, étnicas, religiosas, econômicas e históricas. Este último elemento é particularmente importante na constituição da região, pois aponta para o arbitrário como constitutivo do processo histórico. Anteriormente denominada como Haemus, o primeiro uso coletivo de Bálcãs designando toda a península data de 1827. No entanto, as denominações não assumiram um caráter unívoco até 1900. A pergunta é: como reunir sob um único rótulo, tendo em vista a diversidade (sob diversos níveis) da região?

Em uma instigante abordagem sobre os Bálcãs, Maria Todorova constrói o conhecimento sobre a região em torno da própria desconstrução de um conhecimento 'ocidental' baseado em assombros, exageros e exotismos. Uma das primeiras desassociações que preocupará a autora é de ordem teórica. Tendo em vista a obra produzida por Eduard Said sobre o Oriente, Todorova salienta de antemão os cuidados em tomar de empréstimo o arcabouço teórico estruturado por Said para pensar os Bálcãs. Embora aparentemente produzam realidades semelhantes, do ponto de vista interno, os Bálcãs e o Oriente se pensam e são pensados a partir de categorias e elementos de ordem diversa. Enquanto o passado colonial pode ser um recurso ilustrativo no caso do Oriente, já nos Bálcãs, este fenômeno histórico não está presente. Por outro lado, enquanto o Oriente (assim como é apresentado por Said) é pensado ou construído em oposição ao Ocidente, os Bálcãs são pensados pela autora como uma ponte entre o Ocidente e o Oriente, uma ponte entre a Europa e a Ásia. Este dado complexifica o uso desta tradição teórica (a de Said), e a busca da história é um recurso utilizado pela autora para demonstrar o modo pelo qual os Bálcãs

ocupam um lugar ambíguo no imaginário ocidental: enquanto esta região é pensada como separada do resto da Europa, por outro lado, ela pertence ao continente europeu. Este dado mostra como, embora o Orientalismo tenha sofrido a devida crítica e conseqüente desconstrução, e desuso na academia, o mesmo não ocorreu com a categoria ‘Ocidente’ que, pelo menos, possui tão ou mais diversidade que o Oriente, o que fornece elementos para sua crítica enquanto uma categoria unívoca. Todorova chama atenção para o fato de que nem Said nem seus seguidores prestaram suficiente atenção para a idéia que, se o Oriente é construído em oposição ao Ocidente, a própria possibilidade de alinhar dicotomicamente este par de oposição (Oriente/Ocidente) pressupõe que cada lado é suficientemente hegemônico para admitir o seu oposto. Definitivamente, a ausência do questionamento da noção de Oriente/Ocidente não pode ser recorrente para analisar os Bálcãs.

Contudo, um dos argumentos mais fortes de distinção entre o Oriente e os Bálcãs, utilizado por Todorova, é o fato de que os Bálcãs são uma área geográfica perfeitamente tangível. Segundo a autora, uma área que engloba as seguintes nacionalidades: albanesa, búlgara, grega, romena e a maior parte dos iugoslavos (:31). Embora Todorova, ao longo do livro, aponte que a definição Bálcãs extrapola a circunscrição geográfica, ela irá manter esta distinção que, a meu ver, parece trazer muitas armadilhas conceituais. Uma delas reside na idéia de que o próprio conhecimento geográfico possa ser tomado como um dado empírico de primeira ordem. Porque enquanto a autora coloca em um primeiro momento que existe uma concretude geográfica e histórica dos Bálcãs em oposição ao Oriente (:11), em um segundo momento ela irá admitir que o processo simultâneo através do qual os Bálcãs foram sendo construídos engloba motivações políticas e morais. Nas palavras da autora, “at the same time that ‘Balkan’ was being accepted and widely used as geographic signifier, it was already becoming saturated with a social and cultural meaning that expanded its signified far beyond its immediate and concrete meaning” (:21).

A pergunta que emerge neste contexto é se a autora não estaria incorrendo na mesma ambigüidade de Said, que nega e ao mesmo tempo dá *status* ontológico ao Oriente. Contudo, talvez a ambigüidade de Todorova seja de ordem inversa à de Said. Enquanto Said parte da abstração do Oriente para, no momento mesmo em que trata da questão, reificá-la, Todorova faz o caminho oposto: toma a geografia como ponto de partida para depois retirar seu significado concreto. Esta idéia está expressa na seguinte frase: “The reason why Balkan has become one of the most often used designations (alongside Southeastern Europe) has little to do with precise geography” (:25). O próprio termo ‘balcanização’, usado amplamente para designar fragmentação

política, indica que a denominação geográfica perde suas raízes rapidamente, talvez pelo fato de ser a denominação geográfica toda ela repleta de interesses políticos. Já Said percebe de antemão que a geografia explicaria muito pouco sobre o Oriente, mas ao trabalhar com esta categoria (a de Oriente) já está subentendendo-a em algum um lugar geográfico (mesmo que imaginário). No entanto, tanto em Said como em Todorova, a ambigüidade permanece. Se ficássemos somente com a definição geográfica dos Bálcãs, a questão já seria em si arbitrária, pois a inclusão/exclusão de determinados países já é de antemão problemática, visto que algumas regiões são consideradas por Todorova como mais Bálcãs que outras, onde umas regiões são incluídas e outras não. E o motivo pelo qual isto ocorre não é devidamente explicado no livro.

Se conseguirmos deixar à parte a questão 'quem são os Bálcãs?' que, em si, já traz uma série de problemáticas, e admitirmos a definição de Todorova sobre os países que compõem os Bálcãs, a pergunta de fundo que perpassa o livro é: por que os Bálcãs têm assombrado a cultura ocidental de um modo tão avassalador que diversos poderes uniram-se para exorcisá-lo? Esta questão desdobra-se em muitas outras e aponta para o lugar ambíguo dos Bálcãs no imaginário Ocidental e, como salienta Todorova, uma ambigüidade imputada. Tal ambigüidade ancora-se no fato de os Bálcãs pertencerem à Europa e ao mesmo tempo revelarem as contradições internas do Ocidente, que freqüentemente se pensa como um legado de civilização homogêneo já alcançado há muitos séculos. A existência dos Bálcãs colocaria em xeque este dado. Sua existência e sua conseqüente associação à barbárie aponta para a dúvida em relação à Europa ser pensada como berço da civilização. Nesse sentido, os constantes conflitos étnicos da região (vistos como irracionais) trazem à mostra as contradições internas da Europa que historicamente construiu categorias de barbárie e de selvageria fora de seu continente.

Uma das perguntas mais inquietantes e, sem dúvida, mais promissoras do livro é: como definir (tendo em vista a auto-percepção de seus habitantes), sob o título de uma única região, identidades, culturas, etnias, processos sociais e históricos tão diversificados? A definição de Bálcãs diz respeito à tomada de decisões das elites locais ou este termo é comum entre seus habitantes? Como Todorova mostra, a percepção dos Bálcãs tem sido internalizada na própria região. Daí a necessidade (bem demonstrada pelo autora) de *des* e *re*construção do próprio conhecimento produzido acerca da denominação 'região' como tarefa básica da compreensão interna. E, nesse sentido, a história é um recurso bastante profícuo de demonstração de processos, ao invés da tomada de dados reificados.

A perspectiva histórica pode servir a dois propósitos básicos. O primeiro é o de demonstrar a continuidade de um determinado fato e, dessa maneira, correndo o alto risco de essencializá-lo. O segundo é o de perceber as transformações e os diferentes usos de uma determinada categoria ao longo do tempo, que é o que Todorova propõe. Ao introduzir a diversidade de percepções históricas sobre a região, que não era pensada/nominada como uma região única até 1900, a abordagem da autora permite que o leitor visualize o caráter construído dos Bálcãs e, ao reconhecer as diversidades e disputas sobre o termo, comece a compreender a origem dos conflitos. Este é um passo fundamental contra a exotização da região. À medida que imaginamos os Bálcãs de um modo absolutamente distanciado, estamos contribuindo também para a manutenção de estereótipos relativos à barbárie e à selvageria. Talvez seja esta a mensagem principal do livro: a de que a falta de conhecimento sobre a região, especialmente de conhecimento histórico, abastece o imaginário ocidental dos mais diversos erros de leitura e interpretação, com as devidas conseqüências que tal leitura pode trazer (especialmente se pensarmos nas intervenções externas em nome da democracia).

Outro dado importante da percepção histórica é trazer à tona as nuances de opiniões e as variedades das visões 'ocidentais' sobre os Bálcãs. Todorova mostra que não havia, até 1900, nenhum estereótipo comum sobre os Bálcãs, o que, de certo modo, mostra como não só a designação única de Bálcãs é recente, como a própria unificação do que sejam os Bálcãs. Opiniões contraditórias acerca dos povos e da paisagem eram freqüentes: uns entendiam a região como um local de pessoas nobres, outros como uma terra de fogo e violência. O que é recente é a preocupação em, mais do que nominar a região sob um único rótulo, é que tal insígnia represente um único significado que começa no nome (Bálcãs), mas que quer extrapolar a mera nomenclatura, quer classificar/valorar, o que é, de fato, conceitualmente muito mais perigoso.

O que significa nomear uma região? É interessante colocar esta questão para a região dos Bálcãs, se tivermos em vista o modo de denominação da região anterior à hegemonia deste nome e as conseqüências de tal nomenclatura. Nas ciências sociais, o ato de nominar já foi tematizado como um modo de atribuição de valor. Muito mais do que denominar um acidente geográfico (as montanhas dos Bálcãs), a prevalência de um único nome para definir um conjunto de nações e povos historicamente diferenciados é, em si, uma tentativa de reduzir as diversidades e entendê-las a partir de uma definição que torne possível a inteligibilidade das diferenças e dos conflitos externamente. Este modo de essencializar os Bálcãs é o próprio modo através do qual nome, valor

e redução são transplantados da geografia ao político, visto que há muito de político na geografia, ao mesmo tempo em que o político, dependendo da ocasião, pode se ancorar na geografia. Essencializar regiões pode ser útil para a cadeia evolucionista trabalhada através do tempo e do espaço. Os Bálcãs significam tribalismo, que está oposto no tempo à civilização, mas contíguo ao espaço europeu. Este dado faz com que o assombro e a tentativa de 'civilizar' a região sejam vistos tanto como legítimos como urgentes. Tomando de empréstimo a leitura crítica de Bourdieu ("A Identidade e a Representação – Elementos para uma Reflexão Crítica sobre a Idéia de Região". In: O Poder Simbólico. São Paulo: Difel, 1985) sobre a noção de região, o processo de classificação exerce um campo de luta de legitimidade entre as diversas disciplinas. E, se esta classificação responde a disputas políticas, é evidente que tais classificações não são neutras. Pelo contrário, tendem a seguir as orientações da disciplina com peso político mais forte. Todorova mostra que a ida do nome ao valor e da geografia ao político são não somente rápidas, como imperceptíveis, o que torna um estudo como o dela acadêmica e politicamente relevante.

---

*Renata de Melo Rosa. Mestre (UFRJ) e doutoranda  
pelo Centro de Estudos para a América Latina  
(CEPAC) da Universidade de Brasília*